

DESCORTINANDO O UNIVERSO SIMBÓLICO DE UM LUGAR

EVIDENCING THE SYMBOLIC UNIVERSE OF A PLACE

Marcio Luis Fernandes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

E-mail: marcio_fernandes@oi.com.br

RESUMO. O lugar – por possuir identidade, carga, caráter e fervor simbólicos – é repleto de simbolismo, estabelecido por elementos que evocam inúmeros significados ao chão experienciado. O próprio lugar representa um símbolo de afetividade, satisfação, felicidade e conagração. O caráter simbólico dos lugares estabelece conexões, decodificando o seu passado e o conectando ao presente. Considerando a premissa de que os lugares e os símbolos adquirem profundo significado através dos laços emocionais tecidos ao longo do tempo, conciliar, entender e decodificar as geografias simbólicas dos lugares são tarefas a serem empreendidas por nós no presente texto. Objetivando debater as mencionadas lucubrações teórico-metodológicas relacionadas ao universo simbólico das pessoas e dos lugares, utilizaremos as experiências vividas e compartilhadas pelos moradores de Ilha de Guaratiba à guisa de exemplificação. Afinal, quem melhor que os guaratibanos podem discorrer sobre as geografias simbólicas de seu universo vivido?

Palavras-chave: Símbolo; Identidade; Experiência vivida; Lugar; Ilha de Guaratiba.

ABSTRACT. The place – for its symbolic identity, load character and fervour – is full of symbolism, which is made by elements that evoke innumerable meanings to the ground one experiences. Place itself represents a symbol of affection, satisfaction, happiness and reconciliation. The symbolic character of places establish connections, which decode its past and connect it to the present. Considering the idea that places and symbols acquire meaning through emotional connections built along time, the task of understanding, reconciling and decoding symbolic geography of places are aimed by us in this text. Aiming to debate the mentioned theoretic-methodological surmise related to the symbolic universe of people and of places, we will use the lived and shared experiences by the inhabitants of Ilha de Guaratiba as example. After all, who can be better than guaratibanos to talk about the place's symbolic geography and the lived experience?

Keywords: Symbol; Identity; Lived experience; Place; Ilha de Guaratiba.

Artigo recebido em 16/03/2015.
Aceito para publicação em 16/04/2015.

INTRODUÇÃO

A análise dos espaços e lugares por meio de pesquisas qualitativas engloba dimensões concernentes aos significados, às questões existenciais e mesmo às metamorfoses simbólicas e sentimentais dos seus vivenciadores, registrando o seu modo de ser e sentir o seu mundo (FERNANDES, 2014).

Os lugares são repletos de símbolos, sendo este preceito defendido pelos geógrafos do horizonte humanista. Nestas condições, o citado campo investigativo tem como uma de suas tarefas conciliar, entender e decodificar o conteúdo simbólico dos lugares, uma vez que, o indivíduo não é distinto de seu lugar, como defende Relph (1976) e cada pessoa possui uma geografia particular e pessoal (LOWENTHAL, 1982; COSGROVE, 2004), faz-se necessário uma abordagem fenomenológica que privilegie o indivíduo em seu mundo vivido.

O objetivo do presente texto é reafirmar a importância simbólica do lugar, bem como a teia de significados que o envolve. Nesta abordagem fenomenológica, onde os indivíduos não se distinguem de seu universo vivido, daremos voz aos moradores de Ilha de Guaratiba a fim de alcançar um melhor entendimento de seu lugar-símbolo e de suas geografias simbólicas. Nesta direção, aplicaremos as lucubrações teóricas abaixo almejando descortinar “uma Ilha de símbolos”.

Lugar e Simbolismo

Símbolo tem o poder de sugerir um todo, transcende sua condição como tal e como parte integrante se confunde com o lugar no qual se encontra. Neste particular, a carga simbólica de um templo ou de um estádio pode ser bem mais ampla, expressiva que a sua destinação original. Na verdade, a cruz simboliza a cristandade, a coroa a monarquia (TUAN, 2012) assim como o portal de Brandemburgo representa um dos símbolos máximos da nação alemã (FREITAS, 1999). O simbolismo, entendido como emblema ou interpretação do significado de determinado elemento simbólico (símbolo), manifesta-se nas últimas décadas como um conceito sumamente importante para as pesquisas humanistas e culturais – estudos estes relacionados à compreensão da dimensão subjetiva do lugar (MELLO, 2000, 2003; TUAN, 2012). Segundo Cosgrove (2004):

Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas – a cidade, o parque e o jardim – e através da representação da paisagem na pintura, poesia

e outras artes. Mas pode ser lida nas paisagens rurais e mesmo nas mais aparentemente não humanizadas paisagens do meio ambiente natural. Estas últimas são, frequentemente, símbolos poderosos em si mesmos (COSGROVE, 2004, p.108).

Para compreender as expressões impressas por uma cultura em sua paisagem, necessitamos de um conhecimento da linguagem empregada: os símbolos e seu significado nessa cultura. Para o autor, apesar da ligação ser muito tênue entre o símbolo e o que ele representa, todas as paisagens são simbólicas. Ao salientar que os cenários humanos são carregados de simbolismo, Cosgrove focaliza a natureza e a paisagem natural como símbolos poderosos em si mesmos, partindo do pressuposto de que qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura. Apesar dessa transformação não estar sempre visível, especialmente para um estrangeiro, o objeto natural torna-se objeto cultural quando lhe é atribuído um significado simbólico (COSGROVE, 2004). Observemos agora as palavras de Tuan (2012):

Dos múltiplos e variados motivos para mudar-se para o subúrbio, a busca de um meio ambiente saudável e de um estilo de vida informal estão entre os mais antigos. Temos repetidamente observado como o sentimento pela natureza e vida rural é encorajado pelas pressões da vida urbana. O meio ambiente da cidade é ao mesmo tempo sedutor e irritante, bonito e desagradável. Os ricos sempre puderam escapar disso saindo para descansar em suas casas de campo. No mundo ocidental o sentimento pela natureza culminou com o movimento romântico dos séculos XVIII e XIX (...). A cidade simbolizava corrupção (...). O campo simbolizava a vida: a vida revelada nos frutos da terra, nas coisas verdes que crescem, na água pura e no ar limpo, na saudável família humana (TUAN, 2012, p. 324-325).

A simbologia não se restringe aos centros de bem querência, afetividade, despojamento ou experiência, pois espaços vastos, estranhos e distantes configuram-se como símbolos de rejeição (MELLO, 2003; TUAN, 2012). Entendendo o simbolismo como o marco de uma ideia – tanto negativa quanto positiva – de um determinado elemento simbólico, Tuan (2012) propõe um contraponto entre a cidade e o campo, sugerindo que a partir da revolução industrial, a cidade – aos poucos – deixa de simbolizar um ideal de vida, cedendo ao campo essa condição, por meio de um retorno ao sentimento pela natureza. Segundo Tuan, ao adquirir alguns dos valores do campo, o subúrbio – entendido como fronteira da expansão metropolitana – passa a representar um ideal, pois sugere um estilo de vida perfeito, no qual se combina o melhor da vida rural e urbana sem os seus defeitos (TUAN, 2012). Nesse sentido, seja para o contexto americano acima ou no âmbito dos

subúrbios brasileiros, notadamente carioca, as periferias metropolitanas passam a representar para seus residentes um símbolo de bem querência (CORRÊA, 2000; FERNANDES, 2006; SOUZA, 2005).

Ainda no tocante ao universo simbólico, consideremos as lucubrações da geógrafa Doreen Massey (2008):

E, assim, existe “lugar”. No contexto de um mundo que é, certamente, cada vez mais interconectado, a noção de lugar (geralmente citado como “lugar local”) adquiriu uma ressonância totêmica. Seu valor simbólico é, incessantemente, mobilizado em argumentos políticos. Para alguns, é a esfera do cotidiano, de práticas reais e valorizadas, a fonte geográfica de significado, vital como ponto de apoio, enquanto “o global” tece suas teias, cada vez mais poderosas e alienantes. Para outros, “um refúgio no lugar” representa a proteção de pontes levadiças e a construção de muralhas contra as novas invasões. Lugar, através dessa leitura, é o local da negação.

Em uma tentativa de traduzir o valor simbólico do lugar, Doreen Massey (2008, p.24-25) discorre sobre sua ampla gama de significados. Em sua perspectiva, o lugar simboliza – dentre outras coisas – a esfera do cotidiano, a fonte geográfica de significado, vital ponto de apoio, além de representar refúgio e proteção contra as poderosas e alienantes teias do global. Defendendo um novo estímulo da espacialidade, a autora aponta a natureza e a paisagem natural como fundamentos simbólicos para o reconhecimento do lugar (MASSEY, 2008).

Adentrando neste universo de significados e valores, Joel Bonnemaïson (2002, p.109-111) sublinha:

Um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade (...). Os símbolos ganham maior força e realce quando se encarnam em lugares. O espaço cultural é um espaço geossimbólico, carregado de afetividade e significações.

O geossímbolo – conceito trabalhado por Joel Bonnemaïson (2002, p.109-111) – pode ser compreendido como um lugar-símbolo, carregado de afetividade e significações. Dentre as premissas defendidas pelos geógrafos humanistas estão às relacionadas ao conteúdo simbólico dos lugares (COSTA, 2008) e ao mosaico de símbolos que residem no mesmo (MELLO, 2003, 2008). Nesse sentido:

O caráter simbólico dos lugares revela-se ao ser humano como algo que precede a linguagem e a razão discursiva, apresentando assim determinados aspectos do real, enfatizando as relações entre o simbólico e o lugar. Estas relações são mediatizadas pelos símbolos que podem ser uma realidade material e que se une a uma ideia, um valor, um sentimento. Entendemos, portanto, que as mediações simbólicas permeiam as atitudes pessoais em relação aos lugares (COSTA, 2008, p 149).

Em seu discurso sobre a questão do patrimônio cultural enquanto um conjunto de símbolos que remete à memória do lugar, Costa (2008) alude que “o simbólico dos lugares nos conduz ao conceito de paisagem vernacular onde tal caráter explicita-se no conjunto de representações, tanto das paisagens antigas, quanto das atuais, expressas através dos saberes e fazeres do homem” (p.151). Para o autor, certos elementos de ordem natural ou cultural, quando associados às relações cotidianas dos indivíduos ou grupos sociais, podem definir um conjunto de símbolos que expressam a memória do lugar. Nestas circunstâncias, as relações cotidianas e o consequente entendimento acerca dos lugares e de seus símbolos, podem fazer com que um espaço torne-se lugar, uma vez recortado afetivamente. “Nesse contexto, o lugar passa a ter seu interesse ampliado como referência da identidade e ao mesmo tempo adquire um valor simbólico” (COSTA, 2008, p. 155).

Considerando o universo simbólico dos lugares, conciliar, entender e decodificar os símbolos pretéritos e hodiernos de Ilha de Guaratiba são tarefas a serem empreendidas nas próximas páginas, a começar pelo valor simbólico de seu topônimo.

Decifrando a toponímia em seus significados

Conferir nome aos lugares possui um forte significado, uma vez que essas denominações estabelecem conexões entre o lugar em tempos pretéritos e hodiernamente. Assim sendo, a toponímia revela posse, memória, simbolismo, querência, adesão, resistência e intimidade com o lugar nomeado (MELLO, 2007). Neste campo, Corrêa (2003, p. 176) sublinha: “a toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo, sendo um poderoso elemento identitário”. Nestas condições, os nomes dos logradouros ou bairros conferem aos lugares uma forte identidade, sendo resultado de vivências, embates, utopias e valores, em meio a amigos, parentes, estranhos, conhecidos e sentimentos, compondo um todo de introjeções, estranhamentos, aderências e pertencimentos (MELLO, 2000).

Para Lessa (2001), a toponímia é o primeiro e o mais fiel registro dos lugares, uma espécie de batismo. Segundo o autor, a fidelidade das pessoas aos nomes assume vigorosa dimensão. Nesta linha de argumentação, Lessa (2001, p. 58) defende:

Os nomes têm muito maior longevidade que as configurações materiais dos lugares. Um exemplo são os nomes que resistem, ainda que seus lugares

originais não mais existam: guardam um inequívoco caráter simbólico. A Praça XI, que continua sendo evocada no samba do Rio; o Castelo é o lugar de um morro que já foi demolido; a Rua do Ouvidor, o que quase ninguém mais sabe quem foi, e dúvidas existem inclusive sobre qual ouvidor teria sido. Outros lugares se modificam eufonicamente: assim, a Batalha de Cerro-Corá, da Guerra do Paraguai, deu origem à favela Serra Coral. A Praça do Asseca virou Praça Seca; o sítio do Willian tornou-se Ilha (de Guaratiba) etc.

Mostrando-se um profundo conhecedor dos lugares de sua cidade e dos contextos que originaram seus nomes, Lessa aponta para a direção que enfocamos, uma vez que as toponímias são por ele abordadas como um verdadeiro mosaico que unem elementos contemporâneos e de outrora. Na busca do entendimento sobre o sentido e o significado dos nomes dos diferentes lugares da cidade do Rio de Janeiro, o autor descobriu ter sido “um tal Willian, dono de um sítio em Guaratiba, o responsável pela origem do nome do lugar chamado ‘Ilha’” (LESSA, 2001, p. 427).

Como a maioria das pessoas que se debruça sobre Ilha de Guaratiba, para chegar às origens do nome do referido lugar, Lessa se baseou nos escritos do saudoso Rivadávia Pinto – historiador local – segundo o qual, o topônimo “Ilha” teria se originado por corruptela do nome do inglês Willian. Vindo em meio à escolta inglesa que protegia a Família Real Portuguesa em seu traslado para a antiga Terra de Santa Cruz, em 1808, William se apossou e passou a residir na área alvo da presente abordagem. Como os nativos não se esmeravam em pronunciar corretamente o seu nome, passaram a chamá-lo de “Wilha”, seu “Ilha de Guaratiba” e, por fim, “Ilha de Guaratiba”, antigo proprietário dos domínios locais (LESSA, 2001). Já o topônimo “Guaratiba”, bem mais antigo, derivou-se do grande número de aves pernaltas que povoavam o local – os guarás. Como o vocábulo “tiba”, em tupi-guarani, significa fartura, Guaratiba, etimologicamente, quer dizer “abundância de guarás” (FERNANDES, 2006; 2012). Nestes termos, o topônimo Ilha de Guaratiba surge do cruzamento de vocábulos britânico e indígena.

Evidenciamos, a seguir, as palavras de uma docente moradora de Ilha de Guaratiba:

Sinceramente, não consigo entender o porquê de Ilha de Guaratiba não ser considerada um bairro pela Prefeitura. Além de possuímos uma identidade própria, atrelada ao nosso passado agrícola e aos nossos atributos naturais, nossos limites encontram-se bem demarcados, tanto pela ocupação humana quanto pela Serra da Grotta Funda. No meu entendimento, são nítidas as características que nos distinguem de Guaratiba como um todo e de nossos bairros vizinhos (Sandra – professora – 57 anos).

Em sua fervorosa aderência ao lugar, a Professora Sandra exhibe a sua indignação por Ilha de Guaratiba não ter autonomia como lugar diante do poder local. Como visto, para ela o bairro merece ser alçado a tal categoria por ser distinto em seus aspectos físicos e culturais.

“Limites, fronteiras e obstáculos são questões frequentemente focalizadas nos estudos geográficos” (Mello, 2001, p. 89). Mesmo geógrafos informais (Lowenthal, 1982), como a moradora Sandra, mencionam esses temas quando ensinam demonstrar a localização de seu universo vivido. Pincemos repetindo parte do seu discurso: “como o bairro não foi ainda oficialmente legitimado? Por que ainda não foi desmembrado de Guaratiba?” Para ela, Ilha de Guaratiba “tem vida própria” com limites e identidade – elementos essenciais, fundamentais mesmo na defesa do seu lugar vivido.

Nas palavras de Mello (1991, p. 151), “muralhas de diferentes tipos separam” ou segregam o indivíduo em seu mundo. Algumas são naturais, como as montanhas. Outras são criadas pela cultura ou forjadas pela mente humana. “No intra-muros, o homem, em seu mundo particular e/ou coletivo, irmanado com os seus” e atado por laços topofílicos ao ambiente circundante, “é convidado a desenvolver suas atividades cotidianas”. Além dos seus limites, o mundo é amedrontador, incômodo, longe da fraternidade que pode ser sentida no universo vivido. As considerações de Mello (1991, p. 151) podem ser evidenciadas no repertório pertencente à oralidade, em depoimentos, como a entrevista da professora Sandra ressaltando a “identidade própria” da Ilha e os limites “bem demarcados, tanto pela ocupação humana quanto pela Serra da Grota Funda”.

Com efeito, explorando ainda o universo de ideias da Professora Sandra, convém frisar: Guaratiba é representada pela região administrativa do mesmo nome, sendo composta por três bairros: Pedra de Guaratiba, Barra de Guaratiba e Guaratiba, este último, o mais extenso bairro do município do Rio de Janeiro, e no qual se encontra Ilha de Guaratiba. Apesar da amplidão dessa área, constatamos em pesquisas qualitativas ser em Ilha de Guaratiba que os elementos aqui citados, concernentes à toponímia local, estão fortemente caracterizados, fornecendo à localidade uma sólida identidade.

O guará, outro exemplo, não é evocado como símbolo em Guaratiba como um todo. Em Ilha de Guaratiba, no entanto, a ave que deu nome ao lugar simboliza um retorno ao seu passado e uma veneração à sua natureza.

O simbolismo dos elementos naturais

Descortinemos, a seguir, um outro discurso concernente ao conteúdo simbólico de Ilha de Guaratiba:

Nossos elementos naturais possuem um simbolismo muito grande. Aqui na Ilha, quando olhamos a nossa volta, nos deparamos com o verde e a montanha que nos proporcionam uma paisagem exuberante. Como um dos símbolos do lugar eu egeria a Serra da Grota Funda. Eu acho perfeito o entrelaçamento entre o verde e a montanha. Fico do meu quintal apreciando aquela linda montanha verde. Para mim, esse é o nosso maior símbolo. O guará é outro símbolo do lugar. A ave representa nossa natureza exuberante. Quando se fala em símbolos de um lugar como a Ilha, não há como deixar de considerar a origem de seu topônimo. O nome Guaratiba provém dos muitos guarás que povoavam o local. Registros científicos da avifauna comprovam que até a década de 1980 havia um casal remanescente de guarás na localidade. Essas aves teriam sido abatidas por um pesquisador que precisava registrar a ocorrência da espécie no local. Esse fato gerou uma grande polêmica, mas comprovou cientificamente que os guarás eram originários de Guaratiba. Os fósseis dessas aves abatidas, inclusive, encontram-se expostas no museu nacional como os últimos guarás de Guaratiba. Considero o guará o símbolo de Ilha de Guaratiba por estar vinculado ao nome do lugar e associado à sua natureza (Marcelo – professor universitário – 34 anos).

O depoimento acima alude aos símbolos mais emblemáticos do lugar no entendimento de um de seus moradores. Para Marcelo – o guará, o verde, a montanha e o cenário produzido pelo entrelaçamento dos elementos mais visíveis das paisagens são as marcas que melhor representam o lugar.

Apesar da notória veneração atual ao ambiente bucólico, notabilizada pelas palavras do residente entrevistado, em pesquisas anteriores (FERNANDES, 2003; 2006; 2010), o que hoje representa um símbolo ostentatório, constituía-se uma expressão de desagrado, uma vez que remetia o lugar a uma condição de atraso em relação aos bairros urbanizados da cidade. Na tentativa de elucidar os motivos pelos quais um determinado artefato ou lugar acresce ou decresce valor às suas características, Mello (2003) preconiza que um símbolo perde ou recebe tal condição dependendo da escuridão ou da claridade atribuída no transcurso do tempo. Assim sendo, à medida que a sociedade e a cultura evoluem com o tempo, pode mudar, igualmente, sua atitude para com o meio ambiente, podendo inclusive inverter uma anterior rejeição, por uma verdadeira veneração à natureza (TUAN, 2012).

As primeiras evocações humanas em relação à natureza nos remetem ao medo e aversão a um ambiente hostil, onde a vulnerabilidade antrópica era patente ante um habitat selvagem no qual o homem demonstrava notória inaptidão para viver (PARK, 1976; TUAN, 2005).

As primeiras cidades e/ou assentamentos humanos como Jericó (na Palestina) e Ur na antiga Mesopotâmia (atual Iraque) surgiram milênios antes de Cristo, sendo protegidas dos exércitos inimigos e dos muitos perigos da natureza por grandiosas muralhas (SOUZA, 2005). Foi preciso o surgimento das grandes cidades da época Alexandrina para que se produzisse uma forte reação favorável à rusticidade dos ambientes naturais. Quando uma sociedade alcança certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas começam a observar e apreciar a relativa simplicidade da natureza. Esse tipo de sentimento surgiu apenas após a construção das grandes cidades, quando as pressões da vida urbana tornaram atrativa a paz rural e a apreciação romântica da natureza (TUAN, 2012). Assim sendo, a natureza que outrora era símbolo de ambiente topofóbico (TUAN, 2005), hodiernamente representa atributo indispensável para a valorização das áreas próximas aos grandes centros urbanos, sendo também condição para a expansão metropolitana. Nesse sentido, o tripé de amenidades, ou apenas um de seus itens – mar-verde-montanha – nos nossos dias constitui elemento de valorização das áreas periféricas das grandes cidades (ABREU, 2008; ASSIS, 2003; CORRÊA, 2000; MELLO, 2007).

Em relação ao verde, Ilha de Guaratiba é privilegiada. No lugar encontram-se importantes áreas de preservação ambiental com significativos trechos de mata atlântica (FERNANDES, 2009). A exuberância do verde que predomina na planície, aliado a serra florestada, confere ao lugar uma paisagem de “indescritível beleza”, como bem salientou Magalhães Corrêa em suas andanças pelo sertão carioca de então (CORRÊA, 1936, P.192). A descrição do citado pesquisador que remonta à década de 1930, ainda hoje é ratificada por guaratibanos que também mencionam estes elementos e a paisagem que proporciona, como os mais relevantes símbolos de seu lugar vivido.

Por ser um referencial que está diante de nossos olhos, a paisagem torna-se elemento essencial para entendermos a(s) geografia(s) do(s) lugar(es) por meio do vislumbre de sua feição. Mais que isso, a paisagem natural, há décadas é valorizada pelos agentes imobiliários, sendo utilizada como uma espécie de chamariz pelos especuladores de imóveis (ABREU, 2008; ASSIS, 2003; CORRÊA, 2000; MELLO; 2007). Além disso, a natureza e sua paisagem bucólica também representam um forte valor simbólico para os indivíduos e grupos sociais, possuindo, nesse íterim, uma forte influência, tanto na construção de identidade, quanto na formação do lugar (COSTA, 2008; MASSEY, 2008).

Descortinando símbolos pretéritos e hodiernos de Ilha de Guaratiba

Uma tendência humana comum reside na inclinação de ancorarmos o nicho de aderências, pertencimentos e sentimentos por nosso lugar a determinadas paisagens, experiências e símbolos do passado (MELLO, 1991; 2000; 2003; 2008; TUAN, 1982; 2012; 2013). Nesta trilha, consideremos as palavras a seguir:

Sinto saudade da vida rural que vem se desfazendo à medida que o lugar vem sendo invadido por essa urbanização desenfreada. Tenho saudade dos laranjais. Nos meus tempos de criança, era uma grande aventura “roubar” laranja na roça do Sr. Valdir. Daqui de casa eu avistava os pés de laranja lotados e não resistia. As brincadeiras dessa época: brincadeiras de roda, bandeirinha, queimado, etc. aproximavam mais as pessoas. Hoje, os jogos digitais e a internet representam a norma, aumentando o individualismo e o distanciamento entre as crianças e entre as pessoas de um modo geral. Uma atmosfera rural nos envolvia. Essas características sempre marcaram o nosso lugar e estão se perdendo com o tempo. A proximidade entre as pessoas era bem maior. Eram poucas famílias e conhecíamos todos os moradores pelo nome. Que saudade dessa época (Dalva – dona de casa – 66 anos).

Em seu depoimento carregado de nostalgia e orgulho, a moradora Dalva relata alguns acontecimentos, experiências, características e símbolos pretéritos que permanecem vivos, pulsantes e sempre presentes em sua memória. Os símbolos imateriais de Ilha de Guaratiba que exaltam a beleza da vida campestre do lugar em tempos memoráveis, por pulsarem vivos na memória de alguns saudosistas que os vivenciaram plenamente, são relatados com um patente sentimento de pesar. Certamente, Dona Dalva gostaria que essas características simbólicas do lugar não se perdessem na voragem do tempo. A expressão melancólica, relatada em seu depoimento, quando se refere ao bucolismo, cordialidade, proximidade, amizade e às demais características diretamente ligadas às relações interpessoais estreitas – atreladas à conjuntura pretérita de seu lugar vivido – demonstra, por si só, a relevância desse nicho de bens simbólicos imateriais.

Tanto os lugares quanto os símbolos, podem até ser forjados em meio a experiências imediatas. No entanto, faz-se necessário um determinado intervalo de tempo para que um dado objeto ou espaço capte nossa atenção, ascendendo ao patamar de símbolo ou lugar (MELLO, 1991, 2003). Ao salientar que o lugar é um reservatório de lembranças e sonhos, Tuan (2013, p. 227) frisa também que “a sensação de tempo afeta a sensação de lugar”. Vejamos um trecho dessa asserção, que aponta para a relevância do passado como pilar da identidade individual e coletiva e fonte de significação e simbolismo:

O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um

sentido do eu e da identidade. Eu sou mais do que aquilo definido pelo presente fugaz. Eu sou mais do que alguém que neste momento luta para expressar o pensamento em palavras: Eu também sou um escritor cujo livro foi publicado, e aqui está o livro, encadernado, ao meu lado, renovando minha confiança (...). Para fortalecer nosso sentido do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível (TUAN, 2013, p.227-228).

Cada pessoa carrega consigo o seu lugar por meio de vivências, familiaridade, afeição, pertencimentos e outras experiências. Essa gama de sentimentos é tecida ao longo do tempo e evocada, consciente ou inconscientemente, a todo instante, denotando que aquilo que somos e possuímos resulta de nossa história e do mosaico de experiências que vivenciamos em nossa base territorial comum. Nesse sentido, “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN, 2012, p.144) e a história, a responsável pelo sentimento de pertença e amor pelo lugar, uma vez que, no transcurso do tempo, uma pessoa investe parte significativa de sua vida emocional em seu lar e em seu bairro (TUAN, 2012).

O ser humano tende a focalizar o mundo como ele era no passado, refletindo por meio de sua memória (LOWENTHAL, 1982), bem como no decorrer da educação formal e informal que assimila no curso de sua vida. “As experiências nos cenários do passado são tesouros guardados com grande ternura” (MELLO, 1991, p.235). Comungando com essa premissa, Harvey (1992), recorrendo a Rossi, cita o referencial histórico e o acervo do passado como fonte de significação dos “símbolos culturais”:

O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo. O passado é o fundamento da identidade individual e coletiva; objetos do passado são a fonte da significação como símbolos culturais. A continuidade entre passado e presente cria um sentido de sequência para o caos aleatório e, como a mudança é inevitável, um sistema estável de sentidos organizados nos permite lidar com a inovação e a decadência. O impulso nostálgico é um importante agente do ajuste à crise, é o seu emoliente social, reforçando a identidade quando a confiança se enfraquece ou é ameaçada (HARVEY, 1992, p. 85).

Uma vez que toda experiência vivida remonta ao passado, é inquestionável a relevância das vivências, dos lugares e dos símbolos de outrora no processo de construção de identidade que vincula as pessoas ao seu lugar vivido, que passa e ser evocado e reverenciado não apenas por suas características hodiernas, mas também pela história e geografia que foi construída pelos indivíduos e grupos sociais em seu chão experienciado ao longo do tempo. Como aponta Tuan (1982, p. 156), “a história exerce um papel essencial no sentido humano

de territorialidade e lugar”. Neste ponto, “a identidade de um lugar é a sua característica física, sua história e como as pessoas fazem uso de seu passado para promover a consciência” (TUAN, 1982, p. 156).

Retornando aos elementos simbólicos de Ilha de Guaratiba expressos no depoimento de Dona Dalva, proximidade e contato entre vizinhos são a base para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida comunitária. No entanto, sob as complexas influências da vida urbana, o que se pode chamar de sentimento de vizinhança tem sofrido muitas mudanças interessantes, tendo produzido muitos tipos de comunidades locais. Nesse sentido, podemos dizer que existem vizinhanças nascentes e vizinhanças em processo de dissolução. No entanto, no meio citadino, a vizinhança tende a perder muito a importância que possui para as comunidades mais simples (PARK, 1976; SIMMEL, 1976). Assim sendo, a reserva, a indiferença e o ar blasé manifestados nas relações humanas, podem ser entendidos como instrumentos, utilizados por alguns indivíduos para se imunizarem contra exigências pessoais e expectativas de outros (WIRTH, 1976).

O superficialismo, o anonimato e o caráter transitório das relações urbano-sociais explicam, também, a sofisticação e a racionalidade geralmente atribuídas ao habitante da cidade (PARK, 1976; SIMMEL, 1976; WIRTH, 1976). Em relação aos citados traços característicos do modo de vida urbano, vinculado ao desaparecimento da vizinhança e à corrosão da base tradicional da solidariedade social, Corrêa (1992, p. 34-35), em relação à periferia metropolitana, argumenta que:

A densificação, por ter implicado significativa mobilidade residencial interbairros, gerou como consequência o desaparecimento de unidades de vizinhança onde todos se conheciam e, quando necessário, se ajudavam mutuamente (...). Associado a esta mudança está o crescente anonimato da população residente nos bairros de classe média. Anonimato que inclui uma certa dose de desconfiança e medo do outro.

Quando um lugar alcança certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas tendem a conferir mais valor à relativa simplicidade dos antigos hábitos que são superados pelas novas relações – baseadas não mais na camaradagem, proximidade, solidariedade, cordialidade e amizade – e sim na desconfiança, no medo e no distanciamento entre as pessoas (TUAN, 2005; 2012). Quando os membros de determinado grupo social ou comunidade percebem que as mudanças estão ocorrendo muito rapidamente, a saudade de um passado idílico aumenta sensivelmente (TUAN, 2013). Uma vez que “os significados

emergem das experiências mais profundas que se acumulam através do tempo”, esse repositório de significados torna-se um símbolo (TUAN, 2012, p.203). Neste atalho, o papel da vizinhança que revela o bucolismo de um passado recente, é evocado por guaratibanos que apresentam estas características como símbolo do lugar. Embora tenha perdido a profundidade de outros tempos, a proximidade – que engendrava identidade, sentimentos, familiaridade e reciprocidade – permanece presente nas mentes e corações saudosos daqueles que se vincularam ao lugar por meio das experiências nele vividas.

Pertinente ao universo simbólico de uma Ilha de outrora, imortalizada na memória, vejamos o que nos reserva o relato transcrito a seguir:

Por representar durante décadas o nosso único meio de transporte, o bondinho era tudo para nós. Tenho muita saudade do bonde. Até a década de 1960, quando parou de circular, era um grande orgulho para o guaratibano. Afinal, pouquíssimos lugares podiam desfrutar desse meio de transporte na época. O Sítio Roberto Burle Marx é outro símbolo de Ilha de Guaratiba, bem como a capela São Salvador do Mundo (Mazinho – aposentado – 66 anos).

O bonde representou um importante elemento no processo de expansão urbana do Rio de Janeiro (WEID, 1997). Para Abreu (2008), em 1870, os dois elementos responsáveis pela expansão da cidade: os trens e os bondes – passaram a ter uma atuação conjunta. Nesse sentido, os bondes conectavam os bairros mais afastados da cidade às estações pertencentes à Estrada de Ferro Dom Pedro II, inaugurada em 1858 e estendida à Santa Cruz em 1878. A linha férrea pela qual trafegava os bondes que conectava Ilha de Guaratiba à estação ferroviária de Campo Grande foi inaugurada em 1924. Com uma extensão de aproximadamente 20 quilômetros, esta via, administrada pelo extinto serviço de transporte rural da municipalidade, foi desativada em 1967, quando seus trilhos foram encobertos pelo asfalto da atual Estrada da Ilha. No entanto, 47 anos após sua extinção, o bondinho da Ilha ainda é lembrado e reverenciado como um dos símbolos pretéritos do lugar pelo morador Mazinho.

Outros elementos culturais elevados à condição de símbolos do lugar por meio do depoimento do morador Mazinho é o Sítio Roberto Burle Marx e a Igreja São Salvador do Mundo. Em 1949, Burle Marx adquiriu na localidade o Sítio Santo Antônio da Bica. No local havia uma antiga casa de fazenda e uma pequena capela do século XVII, dedicada a Santo Antônio. Burle Marx restaurou ambos os prédios e levou para o sítio sua coleção de plantas que, desde então, não parou mais de crescer. Em 1973, o paisagista mudou-se em definitivo

para o sítio, onde veio a falecer em 4 de junho de 1994. Em 1985, Burle Marx doou o seu sítio ao governo brasileiro que o administra por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico. Apesar da relevância histórica e científica do Sítio Roberto Burle Marx, fato que atrai ao local um considerável afluxo de visitantes diariamente, sua alusão como símbolo é fruto do papel desempenhado por seu fundador na localidade. Burle Marx morreu há mais de 20 anos. Sua influência, no entanto, permanece viva, tanto na configuração física do lugar quanto na mente de seus moradores.

Outro símbolo cultural que há séculos fascina moradores e visitantes é a Igreja São Salvador do Mundo ou Igreja Matriz de Guaratiba. Construída no alto de uma colina em 1676, o templo ainda guarda sua arquitetura original. (SANTOS, 1965; FRIDMAN, 1999). Por sua beleza e história, a Igreja Matriz, igualmente, merece a menção de guaratibanos como Mazinho, que eleva esse templo à condição de símbolo do lugar.

Imbuídos pelo desejo de traduzir esta Ilha de símbolos, consideramos relatos de guaratibanos de diferentes idades como o da jovem Vitória. Vejamos o que ela tem a nos dizer:

O Túnel da Grota Funda é o símbolo máximo e maior condutor de todo esse processo de mudança pelo qual o nosso lugar vem passando. Antes de sua construção, ainda havia a montanha que nos separava do restante da cidade. Era comum atravessarmos o maciço em 1 hora. Isso ocorria devido aos constantes engarrafamentos, agravados pela existência de apenas uma pista de mão dupla. Esse era o único caminho para o Recreio, a Barra e a Zona Sul. As pessoas pensavam duas vezes antes de vir morar aqui. Devido a Serra da Grota Funda, a viagem se tornava demorada e desgastante. Agora, apenas 2 minutos nos separam do Recreio. A partir de 2012, quando o túnel foi inaugurado, Ilha de Guaratiba ficou mais em evidência na mídia. O lugar, finalmente, foi conectado à cidade. A Serra da Grota Funda nos remontava a uma coisa meio mística. Ela nos passava a impressão de que, quando saíamos da cidade, entrávamos em outro mundo. Agora não é mais assim. Entramos no túnel e, 2 minutos depois, já estamos na Ilha. Hoje, não vejo mais tanta diferença entre o lugar e o restante da cidade. Após a inauguração do túnel, na prática, a Ilha deixou de ser rural. Antes, ainda estávamos escondidos e protegidos da cidade pela Serra da Grota Funda. Agora, no entanto, estamos expostos. Somos parte da cidade que cresceu nessa direção. O túnel foi construído para dar continuidade ao processo de urbanização que vigora na Barra da Tijuca e no Recreio dos Bandeirantes. A Baixada de Guaratiba é a única grande gleba de terras da cidade que ainda é devotada à natureza. Aqui ainda há muito espaço vazio, e é isso que as construtoras procuram (Vitória – estudante – 21 anos).

Em relação ao hodierno contexto do lugar, é cada vez mais comum a eleição de um símbolo em particular por parte dos moradores de Ilha de Guaratiba, qual seja o Túnel da Grota Funda. Essa é uma tendência, principalmente, entre os moradores mais jovens como é o caso da Vitória.

O Túnel Vice-Presidente José Alencar (Túnel da Grotta Funda), ligação subterrânea sob a Serra da Grotta Funda (Serra Geral de Guaratiba), conecta a baixada de Guaratiba (Ilha de Guaratiba) ao bairro Recreio dos Bandeirantes. A proposta para a construção deste túnel vinha sendo debatida desde a década de 1950. A obra anunciada por diversos governos, no entanto, sempre esbarrou em diversos problemas de ordem ambiental/política/econômica/administrativa e demorou décadas para sair do papel. Com a implantação do corredor viário conhecido como “Transoeste”, as obras para a perfuração do túnel foram iniciadas em 14 de setembro de 2010. Vale frisar, este empreendimento vincula-se diretamente aos dois grandes megaeventos esportivos aos quais a cidade sedia, quais sejam a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Esse fato justifica a presença dos presidentes do COB (Comitê Olímpico Brasileiro) e da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), além do prefeito da cidade, no dia do início das obras e por ocasião de sua inauguração.

A perfuração dos 1112 metros de extensão do túnel, em duas galerias, levou 8 meses para ser concluída. No dia 06/06/2012, finalmente, o túnel foi inaugurado, reduzindo consideravelmente a distância e o tempo gasto entre a Ilha e o Recreio.

As características físicas da cidade, caracterizada por inúmeras elevações, sempre representaram dificuldades impostas pelo meio à expansão urbana do Rio de Janeiro. Nesse sentido, a perfuração de túneis, desde 1887, se configura uma necessidade premente e simboliza a conexão de uma área, anteriormente devotada à natureza, ao contexto citadino (ABREU, 2008; CARVALHO, 2004).

Considerando-se tanto o relato da moradora Vitória quanto a análise de especialistas na questão urbana, podemos asseverar que – no período pós-túnel – o urbano marcha inexoravelmente para oeste. Nesse sentido, a cidade cresce em direção a Guaratiba, tendo o túnel da Grotta Funda como maior condutor dessa marcha urbanizadora e símbolo dessa mudança (LESSA, 2001; CARVALHO, 2004; REDONDO, 2012; JANOT, 2013).

Além de ter colocado Ilha de Guaratiba no mapa urbano do Rio de Janeiro (BERTA, 2012), o túnel da Grotta Funda, igualmente, representou uma valorização fundiária e imobiliária sem precedentes na localidade. Essa valorização crescente tem contribuído para a promoção de uma série de fatores de ordem valorativa que têm contribuído, como vimos, para que novos símbolos sejam eleitos pela comunidade guaratibana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lugares e símbolos adquirem profundo significado através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos. O próprio lugar constitui um símbolo de afetividade, bem querência, satisfação, felicidade e conagração, por um lado, mas, igualmente, palco de lutas e da lida do dia-a-dia. O caráter simbólico dos lugares estabelece conexões decodificando e traduzindo o seu passado e o conectando ao presente (MELLO, 1990; 2003). Buscando um melhor entendimento das supracitadas premissas, empenhei-me em aplicá-las ao contexto do meu universo vivido. Afinal, parafraseando Tuan (1961, P. 32), “não tenho qualquer obrigação de descrever outra área senão aquela pela qual tenho um afeto especial ou uma inexplicável fascinação”. Este lugar/símbolo denomina-se Ilha de Guaratiba.

As breves elucubrações partilhadas neste artigo, vale frisar, não têm a mínima pretensão de serem rigorosas, exaustivas ou inovadoras. Isto seria bem difícil, mesmo porque numerosos são os geógrafos que têm se debruçando sobre a necessidade de abordagens que considerem as geografas simbólicas dos diferentes espaços e lugares, uma vez que compreendem a ação humana sobre a face da Terra.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2008. 155 p.
- ASSIS, Lenilton Francisco de. **Turismo de Segunda Residência**: a Expressão Espacial do Fenômeno e as Possibilidades de Análise Geográfica. *Revista Território*, Rio de Janeiro: set/out, p. 107-122, 2003.
- BONNEMAISON, Joel. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). **Geografia Cultural**: um Século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131.
- BERTA, Ruben. **Guaratiba**: Plano de Estruturação Urbana prevê prédios de 4 andares. In: O GLOBO. Rio de Janeiro: edição do dia 28/04/2012.
- CARVALHO, Ronaldo Cerqueira de. **Rio de Janeiro** - uma cidade conectada por túneis. PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, Rio de Janeiro, 2004. 57 p.
- CORRÊA, Magalhães. O Sertão Carioca. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** – volume 167. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936. 478 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Meio Ambiente e a Metrópole. In: ABREU, Maurício de Almeida. **Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992. p. 27-36.

_____. **O Espaço Urbano**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2000. 94 p.

_____. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 167-186.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

COSTA, Otávio. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. In: **Revista Espaço e Cultura** (Edição comemorativa 1993-2008). Rio de Janeiro: UERJ, 2008. p. 149-156.

FERNANDES, Marcio Luis. **Ilha de Guaratiba: De Espaço a Lugar**. 2003. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos: Rio de Janeiro, 2003.

_____. A Valorização do “Espaço” produzindo a valoração do “Lugar.” **O caso de Ilha de Guaratiba** – R.J. 56 f. Monografia (Especialização em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

_____. Por uma Necessária Mudança de Valores: uma proposta para a produção de um espaço (urbano) que privilegie o uso e não a troca. In: **Anais do SIMPÓSIO NACIONAL O RURAL E O URBANO NO BRASIL**, 2, 2009. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

_____. **Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de Ilha de Guaratiba** (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: PPGeo/UERJ, 2010. 99 f.

_____. O Caráter Identitário da Toponímia. In: **Congresso Internacional do Núcleo de Estudo das Américas**, 3, 2012. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

_____. Um outro horizonte em busca da humanização da geografia. In **Revista Geograficidade**. v.4, n.1, Verão 2014. Niterói: UFF, 2014. p. 78-87.

FREITAS, Inês Aguiar de; PERES, Waldir Rugero; RAHY, Ione Salomão. A Janela de Hitler. In **Revista do Departamento de Geografia (GeoUERJ)**. Rio de Janeiro n. 6, p. 29-36, 1999.

FRIDMAN, Fania. **Donos do Rio em nome do rei**: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Editora Garamond), 1999. 304 p.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992. 349 p.

JANOT, Luiz Fernando. **A caminho de Guaratiba**. Jornal O GLOBO (coluna opinião). Edição publicada em 26 de outubro de 2013.

LESSA, Carlos. **O Rio de Todos os Brasis: Uma Reflexão em Busca de Auto-Estima**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 478 p.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e Imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRITOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 103-141.

MASSEY, Doren. **Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: A Perspectiva da Experiência Viva e Uma Crítica Radical ao Positivismo. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. p. 91-115.

_____. **O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira – 1928/1991 – uma introdução à geografia humanística**. 1991. 300 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991.

_____. **Dos Espaços da Escuridão aos Lugares de Extrema Luminosidade – O Universo da Estrela Marlene como e documento para a construção de conceitos geográficos**. 2000. Paginação irregular Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

_____. Descortinando e (Re)pensando Categorias Espaciais com Base na Obra de Yi-Fu Tuan. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 87-101.

_____. **Símbolos dos Lugares, dos Espaços e dos “Deslugares”**. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, v. 16, p. 64-72, 2003.

_____. Os Tambores e as Flechas de São Sebastião do Rio de Janeiro. In: **Revista Imaginário e Arte**. São Paulo, n.15, p. 37-67, 2007.

_____. O Rio dos Símbolos Oficiais e Vernaculares. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). **Espaço e cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 173-186, 2008.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 26-67.

REDONDO, Andrea Albuquerque. **A cidade cresce para Guaratiba**. In: [http:// urbe carioca.blogspot.com.br](http://urbe carioca.blogspot.com.br). Publicado em 25 de setembro de 2012.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976. 156 p.

SANTOS, Noronha. **As freguesias do Rio antigo**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a vida Mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 190 p

TUAN, Yu Fu. **Topophilia or sudden encounter with landscape**. Landscape. 11 (1), 1961. p. 29-32.

_____. Geografia Humanística. In: CHRITOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 143-164.

_____. **Paisagens do Medo**. São Paulo: UNESP, 2005. 373 p.

_____. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Londrina: Eduel, 2012. 344 p.

_____. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**: Londrina. Eduel, 2013. 248 p.

WEID, Elisabeth von der. **O bonde como elemento de expansão urbana no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997. 30 p.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 90-113.